

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 114

Data: 18 de julho de 1988

Pg.: 4

Produção de carvão vai agravar desmatamento

BELÉM — Os 20 projetos siderúrgicos a serem implantados no programa Grande Carajás para produzirem ferro gusa e ferro liga deverão consumir anualmente cerca de 4,5 milhões de toneladas de carvão para fabricarem 1,1 milhão de toneladas de ferro.

Um estudo realizado pela secretaria executiva do programa Grande Carajás associada a outras instituições indica que, sem adoção de certas medidas preservacionistas, a produção de carvão vegetal implicará um desmatamento de 300 mil hectares de florestas virgens, pois o setor industrial vai consumir o equivalente a 17% do carvão consumido hoje no sudeste do país.

Caso toda a demanda de carvão vegetal para o parque guseiro de Carajás venha de matas nativas, nos 10 primeiros anos de operação o desmatamento atingirá 620 quilômetros quadrados, ou 0,25% da área avaliada em seu potencial madeireiro e lenhoso pelos pesquisadores — que é de 150 km de cada lado da Estrada de Ferro Carajás—Ponta da Madeira.

Ressalvando-se as reservas indígenas e ecológicas, a área destinada à exploração de madeira para a produção de carvão vegetal representa 44% (110 quilômetros quadrados) de matas nativas e cerrado, ou 5,6% da cobertura florestal da faixa adjacente à ferrovia.

Por ocasião da instalação da primeira fase do Distrito Industrial de Carajás, o

secretário executivo do programa Grande Carajás, Francisco Salles Baptista Ferreira, lembrou que a expansão anual da frente agropecuária representa um desmatamento muito maior para a região, num total de 1 milhão de hectares, que poderá ser usado para suprir por longo tempo o parque guseiro. Os fazendeiros hoje incineram todo material lenhoso dos desmatamentos para plantio de capim. Se isto fosse aproveitado, poderia gerar 50 milhões de metros cúbicos de carvão vegetal por ano, o equivalente a 11 vezes a necessidade de consumo dos fornos de gusa e ferro-liga aprovados para Carajás.

Outra fonte de carvão vegetal identificada pela Vale do Rio Doce são as milhares de serrarias instaladas na região, cuja atividade depredadora é muito conhecida. Em torno dessas serrarias queima-se diariamente um enorme volume de sobra de madeiras de lei, que podem ser transformadas em carvão pelos próprios proprietários.

A Vale do Rio Doce indicou uma faixa adjacente à ferrovia Carajás com um potencial madeireiro para as serrarias de 113 milhões de metros cúbicos, dos quais 33% representados pelas aparas, poderiam virar carvão vegetal para fornos. Em 10 anos, neste caso, as serrarias produziriam 1,5 milhão de metros cúbicos de carvão, ou seja, um terço do consumo previsto para o parque siderúrgico.

Ari Gomes — 23.11.81.



Em Carajás, 300 mil hectares podem gerar carvão